

crescimento interno e externo do grupo, é o indicador de uma lógica orgânica empreendida pela gerência moderna.

Uma palavra a mais: foi intencional a menção que fizemos, inicialmente, à notícia divulgada por um dos jornais do grupo ESTADO. Na origem, os atuais concorrentes estiveram imbricados. O primeiro número, por exemplo, do jornal *Folha da Noite* circulou com um editorial assinado por Júlio de Mesquita Filho. A perspectiva, aparentemente, "oportunista" da matéria "Nosso programa", como assinalou a autora, nada mais foi que uma manifestação sintomática do deslanchar, décadas mais tarde, de uma imprensa de indústria cultural, cuja "mensagem-mercadoria serve à lógica e aos espaços do mercado e não necessariamente às opiniões do dono do jornal" (p. 41-42). Ademais, a impessoalidade resultante também para os jornalistas-trabalhadores na produção da informação, permitiu-nos alcançar os destinatários de *Folhas ao Vento*: trata-se não só de jovens estudantes sequiosos de uma duvidosa fama na área de comunicação, como ainda de futuros administradores que, lentamente, percebem um novo campo de trabalho. Afinal, não há mais nenhuma incompatibilidade entre o exercício de administrar e o de produzir a notícia nos conglomerados jornalísticos.

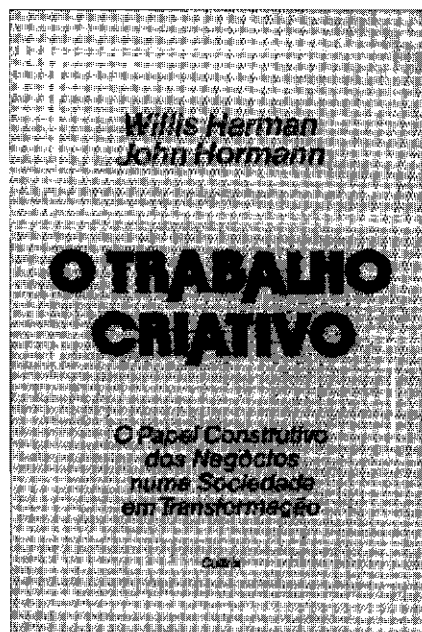
Folhas ao Vento supera, por fim, na área da Sociologia do Trabalho, a escassez da temática sobre o processo de trabalho na produção da informação, cuja lacuna, como núcleo orientador tanto para os estudos quanto para as pesquisas no meio acadêmico, justificou, outrora, a mítica do setor jornalístico.

O TRABALHO CRIATIVO – O PAPEL CONSTRUTIVO DOS NEGÓCIOS NUMA SOCIEDADE EM TRANSFORMAÇÃO

de W. HARMAN e J. HORMANN
São Paulo: Cultrix, 1990.

Por Maria Ester de Freitas, Professora Assistente do Departamento de Administração Geral e Recursos Humanos da EAESP/FGV.

É sempre mais que saudável a realização e divulgação de pesquisas que se preocupem em analisar, a partir de uma perspectiva global, a natureza das mudanças que estamos vivendo. Nos últimos anos, em especial, a produção científica sobre essas questões tem se intensificado de forma significativa e



vemos esse fato como uma indicação de que o destino da sociedade moderna – em particular, a Ocidental – se apresenta de maneira problemática.

Livros como *O Choque do Futuro*, *A Terceira Onda*, *Megatendências*, *Megatendências 2000*, certamente buscaram um mapeamento da situação atual do mundo capitalista moderno e procuraram analisar possíveis alternativas para essa sociedade. Recortes de uma realidade complexa e multifacetada, essa produção acadêmica, em alguns casos, tem se alternado em visões otimistas, pessimistas, ingênuas ou românticas. A tecnologia é vista ora como um elemento libertador, ora como um novo tipo de tirano que submete a todos silenciosamente.

O trabalho de Harman e Hormann opta por uma visão otimista, porém o cenário atual é traçado de forma realista e responsável, o que significa ser deprimente em alguns momentos. Possivelmente é esta a maior contribuição dos autores, ou seja, apresentar de maneira crua os problemas que devem ser enfrentados não por uma nação específica, mas por todos os que habitam o planeta Terra.

Seria, sem dúvida, uma grande ingenuidade apostarmos na hipótese de uma grande comunidade terrestre, que comungaria do mesmo esforço no sentido de salvar o planeta e que teria a responsabilidade de construir um futuro limpo, justo e perfeito para as próximas gerações.

Não, nada tão cor-de-rosa! A partir de uma ampla bibliografia os pesquisadores se propõem a analisar aspectos relacionados ao mundo do trabalho, as origens dos dilemas modernos, o embrião de um novo tecido social, as características da sociedade emergente, e, por fim, o papel que cabe aos negócios para o encaminhamento de soluções para essas questões.

Todo o livro é permeado pela necessidade de uma consciência mundial ecológica, onde o longo prazo deve embasar as decisões imediatas e individuais. Os movimentos sociais, desencadeados nos últimos 30 anos, surgem como a possibilidade de se resolver uma boa parte dos problemas. A Ciência é cobrada sua pretensa neutralidade e questionada sobre a politização de seus pressupostos e resultados. O trabalho é visto como sem sentido para uma grande maioria das pessoas; os políticos como desacreditados e os países ricos – representados por seus governos e empresários – como incapazes de, no curto/médio prazos, desmontar o atual sistema produtivo predador do meio ambiente e motor do aprofundamento de desigualdades econômicas entre os povos.

Como a maioria dos livros dessa natureza, é na descrição e no diagnóstico que se revela o seu ponto mais forte. A proposta de soluções é, não raro, uma armadilha, onde a simplificação, o desejo dos autores e uma visão esperançosa de futuro se atravessam. A preocupação que dá título ao livro é analisada de forma pouco consistente, sendo, em boa medida, resultante de discursos empresariais (a literatura sobre Cultura Organizacional está repleta deles) ou tentativas de se instaurar uma racionalidade diferente no mundo dos negócios, onde o ponto central seriam valores calcados no crescimento e desenvolvimento humanos.

Uma mudança transformadora estaria deslocando a atual "Sociedade em Transição" para uma "Sociedade de Aprendizagem Transindustrial", cujas características mais marcantes seriam: o trabalho como uma atividade de enriquecimento e realização existencial; o entendimento de que o poder de uma corporação deriva do consentimento dos que nela investem vidas e capitais; as atividades econômicas informais/alternativas prosperando e agindo localmente; cooperação mundial com vistas a um desenvolvimento global; promoção de integridade, criatividade, confiança e cooperação; reconhecimento da importância dos papéis desenvolvidos por organizações voluntárias e sem fins lucrativos; valores e incentivos que promovam uma preocupação com a situação da Terra; consenso mundial e ação cooperativa rumo à estipulação do Direito de Lei: apreciação dos e respeito pelos alicerces da sociedade de mães, filhos e família.

A visão simplista sobre a responsabilidade social que vem sendo assumida por algumas empresas, pode ser ilustrada na citação: "*A firma de Anita Roddick, The Body Shop International, produz e distribui cosméticos e produtos para o cuidado com a saúde física. Está fortemente comprometida com o estabelecimento de transações comerciais com o Terceiro Mundo. Não só faz questão de usar ingredientes plantados e manufaturados no Terceiro Mundo como também ajuda os fornecedores em sua iniciativa de criarem o próprio estabelecimento. Aldeias inteiras na Índia, na África e na América do Sul vêm sendo subsidiadas pelos*

lucros dessa iniciativa. Não se trata de caridade; trata-se de um comércio com outra perspectiva". Desnecessário se comentar que o aplauso acima carece ser acompanhado de outros dados, como: custos, diversidade de fontes naturais de matérias-primas, processo de terceirização entre outros.

O Posfácio é escrito por Stanford M. Jager e Amy C. Edmondson, trazendo um relato de novas experiências empresariais, que estimulam uma maior participação, poder, criatividade e envolvimento dos trabalhadores. Figuram alguns brasileiros nessas descrições e são representados pela SEMCO, PROMON e Indústrias Villares.

Voltamos a ressaltar que estudos dessa natureza são importantes para a reflexão sobre o que estamos construindo, o preço dessa construção e os vários tipos de lixo (inclusive o mental) que estamos deixando de herança para os que nos sucederão. De resto, o tema é sempre pertinente, afinal "*para quem não sabe para onde vai, qualquer caminho serve*".

CONTABILIDADE SOCIAL. UMA INTRODUÇÃO À MACROECONOMIA

de **ANDRÉ FRANCO MONTORO FILHO**
São Paulo: Atlas, 1992, 1ª ed. 140 p.

Por **Anita Kon**, Professora do Departamento de Planejamento e Análise Econômica da EAESP/FGV.

Analistas econômicos, sempre se preocuparam com a questão da disponibilidade de informações quantitativas que permitissem uma verificação empírica sobre as transações que se realizam entre os vários agentes e setores que interferem no sistema econômico de um país. Estas informações fornecem subsídios para se classificar, interpretar e generalizar, através de modelos teóricos, os fenômenos da realidade econômica. A Contabilidade Social, nesse sentido, consiste em uma forma de mensuração estatística que expressa, de forma sistemática, as transações e inter-relações que constituem as atividades macroeconômicas de uma nação.

O livro *Contabilidade Social. Uma Introdução à Macroeconomia*, redigido pelo economista André Franco Montoro Filho – doutor pela Yale University (EUA), Livre-Docente em Economia pela FEA/USP e Professor Titular do Departamento de Economia da USP – tem o objetivo de apresentar, de forma didática, as noções